



VARIEDADES LINGÜÍSTICAS E O ENSINO DA NORMA PADRÃO: REFLEXÕES PARA A SALA DE AULA.

Geisane da Conceição Pereira da Silva*

Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi**

Alexandra Aparecida de Araújo Figueiredo***

RESUMO: Compreender o funcionamento da linguagem humana é essencial para a comunicação interpessoal, especialmente no ensino, onde há a responsabilidade de transmitir esse conhecimento. Observações realizadas durante o estágio evidenciaram que alunos do ensino fundamental e médio enfrentam dificuldades na compreensão da norma-padrão, devido à crença de que há uma única forma correta de falar. Esta pesquisa investiga como as variedades linguísticas podem ser incorporadas ao ensino da norma-padrão, promovendo uma abordagem mais crítica e inclusiva. Para isso, buscamos discutir a importância e os conceitos dos principais tipos de variação linguística e norma-padrão, analisar as percepções de docentes e alunos sobre o uso dessas variedades em sala de aula, examinar as práticas pedagógicas contemporâneas e desenvolver estratégias didáticas que valorizem tanto as variedades linguísticas quanto o ensino da norma-padrão. A pesquisa qualitativa foi conduzida em Campo Grande-MS, utilizando questionários no Google Forms, aplicados a alunos e professores, com perguntas abertas e fechadas para identificar desafios e possibilidades na abordagem da língua. Além da coleta de dados, realizou-se uma revisão de literatura baseada em autores como Araújo, Vieira, Alvares et al., Faraco e Zilles, Silva, Pessoa e Lima, e Nascimento e Vasconcelos. Os resultados indicam a importância de apresentar a norma-padrão como uma variação legítima, e não como um modelo único, além da necessidade de utilizar a análise linguística reflexiva como estratégia para tornar seu ensino mais eficaz e contextualizado.

PALAVRAS-CHAVE: Norma-padrão; Variação linguística; Ensino inclusivo.

RESUMEM: Comprender el funcionamiento del lenguaje humano es esencial para la comunicación interpersonal, especialmente en el ámbito educativo, donde existe la responsabilidad de transmitir este conocimiento. Las observaciones realizadas durante la etapa de prácticas evidenciaron que los estudiantes de educación primaria y secundaria enfrentan dificultades en la comprensión de la norma estándar, debido a la creencia de que existe una única forma correcta de hablar. Esta investigación analiza cómo las variedades lingüísticas pueden incorporarse en la enseñanza de la norma estándar, promoviendo un enfoque más crítico e inclusivo. Para ello, se busca discutir la importancia y los conceptos de los principales tipos de variación lingüística y norma estándar, analizar las percepciones de docentes y estudiantes sobre el uso de estas variedades en el aula, examinar las prácticas pedagógicas contemporáneas y desarrollar estrategias didáticas que valoren tanto las variedades lingüísticas como la enseñanza de la norma estándar. La investigación cualitativa se llevó a cabo en Campo Grande-MS, utilizando cuestionarios en Google Forms, aplicados a estudiantes y profesores, con preguntas abiertas y cerradas para identificar desafíos y oportunidades en el abordaje de la lengua. Además de la recopilación de datos, se realizó una revisión de literatura basada en autores como Araújo, Vieira, Alvares et al., Faraco y Zilles, Silva, Pessoa y Lima, y Nascimento y Vasconcelos. Los resultados indican la importancia de presentar la norma estándar como una variedad legítima y no como un modelo único, además de la necesidad de utilizar el análisis lingüístico reflexivo como estrategia para hacer su enseñanza más eficaz y contextualizada.

PALABRAS CLAVE: Norma estándar; Variación lingüística; Enseñanza inclusiva.



INTRODUÇÃO

A linguagem é uma das principais formas de interação entre os indivíduos. Por meio dela, transmitimos informações, compartilhamos ideias, sentimentos, desejos, entre outros aspectos da comunicação humana. Tudo o que dizemos a alguém possui uma intencionalidade, seja ela expressa de forma implícita ou explícita. Segundo Araújo (2008, n.p.), “tudo é dito por um motivo, com uma intenção”. Porém, a comunicação só é efetiva quando o emissor consegue transmitir sua mensagem de forma clara e compreensível ao receptor. Nesse sentido, entender o funcionamento da linguagem humana é essencial à comunicação interpessoal. Este artigo analisa a função da norma-padrão na educação, bem como a importância de reconhecer a pluralidade linguística no processo de ensino-aprendizagem.

A heterogeneidade linguística no Brasil é influenciada por fatores sociais, regionais e culturais. No entanto, o ensino de gramática em sala de aula ainda é aplicado de maneira rígida, desconsiderando a realidade linguística dos alunos. Sob uma perspectiva sociolinguística e pedagógica, este estudo propõe reflexões sobre como a norma-padrão pode ser ensinada sem desvalorizar as variedades linguísticas dos estudantes, promovendo práticas didáticas mais eficazes e contextualizadas. Durante o estágio, foi possível observar que muitos alunos enfrentam dificuldades significativas na compreensão e no uso da língua portuguesa. Essa experiência de estágio evidenciou a necessidade de adotar uma prática pedagógica que não somente ensine a norma-padrão, mas que também auxilie os alunos a reconhecer a legitimidade de diferentes repertórios linguísticos. Ao compreender que não há um único modo “correto” de se expressar, os alunos poderão valorizar tanto a língua formal quanto a informal, desenvolvendo maior fluência e competência comunicativa. Assim, como educadores e futuros professores, temos a responsabilidade de promover um ensino que respeite e valorize a diversidade linguística. Esse projeto visa combater o preconceito linguístico e contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária, na qual todos os alunos se sintam valorizados e tenham as mesmas oportunidades de aprendizagem.

Diante desse cenário, o artigo busca compreender a percepção dos professores sobre as variedades linguísticas em sala de aula e como integrá-las ao ensino da norma-padrão. Busca se, também, examinar como essas diferenças influenciam o desempenho escolar dos alunos. A hipótese central desta pesquisa é que a inclusão das variedades linguísticas no ensino da norma-padrão pode melhorar a compreensão e a habilidade de comunicação dos alunos.

A língua é dinâmica e está em constante transformação, e, diante disso, reconhece-se que não há uma única forma “certa” ou “errada” de falar, mas sim diferentes variedades cujos usos dependem do contexto de comunicação. No entanto, o aprendizado da norma-padrão continua sendo essencial, pois permite que os indivíduos se comuniquem de maneira eficaz em diferentes situações formais. Além disso, pretende-se investigar o papel do professor na abordagem dessas variações em sala de aula, explorando estratégias pedagógicas para a criação de um ambiente de aprendizagem mais inclusivo e respeitoso, no qual todos os alunos se sintam valorizados.

A pesquisa tem caráter bibliográfico, com revisão e análise de estudos sobre a relação



entre norma padrão e variedades linguísticas. A coleta de dados será feita por meio de questionários no Google Forms, com dois formulários distintos: um para alunos e outro para professores. As perguntas, abertas e fechadas, buscarão identificar percepções, dificuldades e potencialidades no ensino da norma-padrão e das variedades linguísticas. O questionário dos alunos focará em suas experiências e opiniões, enquanto o dos professores abordará práticas pedagógicas e desafios enfrentados.

1. A LINGUAGEM E A DIVERSIDADE: UM PANORAMA SOCIOLINGUÍSTICO

Este artigo visa analisar de que maneira a variação linguística é abordada em sala de aula, bem como investigar a percepção dos alunos sobre o processo de ensino-aprendizagem da norma-padrão. Parte-se do princípio de que não há uma forma “errada” de falar, mas sim diferentes usos da língua, determinados por contextos sociais e culturais diversos. Diante disso, torna-se essencial promover uma abordagem crítica, reflexiva e inclusiva do ensino da linguagem no ambiente escolar. Para fundamentar essa discussão, recorre-se às contribuições de Marcos Bagno, William Labov e Carlos Faraco, Nascimento & Vasconcelos, Faraco e Zilles, Alvares et al e Silva, Pessoa e Lima cujas obras são fundamentais para a compreensão da linguagem como um fenômeno social e dinâmico. Ao considerar a língua como prática social, rompe-se com a visão tradicional e normativa, favorecendo uma perspectiva que reconhece a linguagem como produto das interações humanas e dos contextos socioculturais. Para Bagno (2007), a língua não é uma entidade fixa e homogênea, mas sim um instrumento social que expressa a diversidade e as vivências de seus falantes. O autor argumenta que a imposição de uma única norma culta e padronizada contraria o caráter plural da linguagem e contribui para a reprodução de desigualdades, especialmente no contexto educacional.

Labov (2008), por sua vez, é uma das figuras centrais na consolidação da Sociolinguística como campo de estudo. Em suas pesquisas, demonstrou que a variação linguística é sistemática e está diretamente relacionada a fatores como classe social, faixa etária, gênero e grupo étnico. Suas análises revelam que as diferenças na fala não representam erros, mas sim formas legítimas de uso da língua, organizadas segundo padrões próprios e influenciadas pelas realidades sociais dos falantes. Complementando essa perspectiva, Faraco (2010) ressalta que a linguagem deve ser entendida como prática social constituída pelo uso. Para o autor, ela não se resume a um conjunto de regras gramaticais, mas se estabelece nas relações sociais e nas trocas comunicativas cotidianas. Os indivíduos constroem a linguagem por meio do uso, sendo nesse processo que ela adquire sentido e se transforma. Faraco também destaca que os usos linguísticos são atravessados por relações de poder, e que a valorização de uma variedade em detrimento de outras ocorre por motivações ideológicas e políticas, e não linguísticas. Compreender a língua como prática social, dinâmica e plural é, portanto, um passo fundamental para uma educação linguística democrática, que valorize a diversidade de fala dos estudantes e contribua para a construção de uma escola mais inclusiva e cidadã.

2. A PERSPECTIVA SOCIOLINGUÍSTICA NA FORMAÇÃO CIDADÃ

A Linguística e a Pedagogia se complementam ao oferecer bases teóricas e metodológicas



para um ensino mais eficaz da língua portuguesa. Enquanto a Linguística investiga a linguagem em seus diferentes níveis e dimensões, a Pedagogia utiliza esse conhecimento para promover uma aprendizagem significativa, contextualizada e inclusiva. Faraco e Zilles (2016) destacam que a educação linguística deve considerar a linguagem dos alunos como recurso essencial para o aprendizado, e não como um obstáculo a ser corrigido:

Na sala de aula, é imperioso e indispensável não desprezar a cultura e as variedades linguísticas dos alunos, valorizando seu (des) envolvimento para que possam aprender e ensinar, compreendendo as relações sociais, as desigualdades, os conflitos e as potencialidades do trabalho pessoal e conjunto. É imprescindível ouvir os alunos pelo que eles têm a dizer para além do modo como dizem, portanto. É importante ouvi-los e discutir com eles os efeitos sociais e estilísticos do que dizem e dos diferentes modos de dizer (os que eles usam e os que a eles ensinamos). (FARACO; ZILLES, 2016, p.205).

Esse posicionamento reforça a importância do respeito à diversidade linguística e cultural dos estudantes, reconhecendo suas formas de falar como expressões legítimas de identidade. No ensino da língua, a escuta ativa e o engajamento crítico assumem um papel central para garantir uma abordagem reflexiva e democrática, como orienta a Base Nacional Comum Curricular (BNCC). Assim, compreender a variação linguística e a norma-padrão sob uma perspectiva inclusiva fortalece a função social da escola na formação cidadã e na valorização da pluralidade de falas presentes na comunidade escolar.

3. VARIAÇÕES LINGÜÍSTICAS

A língua é o principal meio pelo qual os indivíduos se comunicam em sociedade. Toda forma de comunicação, seja falada ou escrita, formal ou informal, é válida, se cumprir sua função essencial: transmitir uma mensagem de maneira eficaz. Se a mensagem for compreendida, a comunicação terá sido bem-sucedida, independentemente do uso, ou não, da norma-padrão. Nesse contexto, não se deve admitir nenhum tipo de preconceito linguístico. Para Alvares et al. (2023):

A linguagem é, por natureza, um objeto sujeito a alterações, por ser uma parte constitutiva do ser humano e da cultura na qual este se insere. Ora, se o homem está sempre evoluindo, mudando sua aparência, suas ideias, seus valores, bem como a sociedade na qual ele se inscreve, é perfeitamente normal haver variações e mudanças linguísticas. (ALVARES et al., p.22).

A partir dessa perspectiva, compreende-se que a língua é um fenômeno social. Se há mudanças na sociedade, consequentemente, haverá também variações na língua. Reconhecer esse processo natural é um passo fundamental para a construção de uma sociedade mais justa, inclusiva e democrática. Nesse sentido, destacam-se os principais tipos de variações linguísticas existentes:

— **Variação regional (diatópica):** Refere-se às diferenças de fala entre regiões geográficas distintas, como a pronúncia (sotaques), a entonação e variações no vocabulário (por exemplo, “mandioca” no Sudeste e “macaxeira” no Nordeste). Elas surgem naturalmente ao longo do tempo, conforme grupos se estabelecem em diferentes territórios.



— **Variação social (diastrática):** Está relacionada a características sociais, como classe econômica, nível de escolaridade ou grupo social, que influenciam a maneira de falar. Esses fatores impactam diretamente como uma pessoa utiliza a língua, uma vez que cada grupo social constrói e compartilha modos específicos de expressão.

Por exemplo, indivíduos com níveis mais elevados de escolaridade tendem a utilizar com mais frequência estruturas próximas à norma-padrão da língua. Já pessoas pertencentes a classes populares, com menor acesso à educação formal, empregam construções linguísticas que se afastam dessa norma, mas que são plenamente funcionais e coerentes dentro de seus contextos sociais.

— **Variação situacional (diafásica):** Refere-se às adaptações da linguagem conforme o contexto comunicativo ou o nível de formalidade exigido. Por exemplo, a linguagem utilizada em casa costuma ser diferente daquela empregada em uma entrevista de emprego. A forma de falar com amigos, em geral, é mais descontraída, podendo incluir o uso de gírias e expressões informais. Por outro lado, em contextos mais formais, como entrevistas de trabalho ou apresentações acadêmicas, espera-se um uso da língua mais estruturado e alinhado à norma-padrão.

— **Variação histórica (diacrônica):** Refletem as mudanças que ocorrem na língua ao longo do tempo, como a transformação do significado de palavras, o surgimento de novos termos, a extinção de outros e a modificação de estruturas gramaticais. Nesse sentido, à medida que a sociedade evolui, a língua também se transforma, acompanhando as mudanças culturais, sociais e tecnológicas que impactam a comunicação. Conforme Alvares et al. (2023, p. 27), o estudo dessas categorias é essencial para o docente que busca compreender a complexidade do fenômeno linguístico. Para incentivar o respeito à diversidade de fala, é necessário adotar uma abordagem pedagógica inclusiva e crítica, que reconheça todas as formas legítimas de expressão linguística como parte da construção da identidade social dos estudantes.

4. A NORMA-PADRÃO, A NORMA CULTA E OS DESAFIOS DO ENSINO NA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA

Assim como há variações no uso informal da língua, também se observam diferenças nos usos formais, que podem ser classificadas, principalmente, como norma-padrão e norma culta. A norma-padrão corresponde ao conjunto de regras gramaticais sistematizadas nos livros didáticos e ensinadas nas escolas, geralmente associadas à forma escrita e ao uso mais formal da língua. Já a norma culta refere-se ao uso linguístico de falantes com prestígio social e cultural, caracterizando-se por maior flexibilidade e adequação aos contextos formais, sem necessariamente seguir à risca todas as regras gramaticais. É importante não confundir esses dois conceitos: enquanto a norma-padrão representa um modelo normativo, a norma culta está mais relacionada ao uso socialmente aceito em ambientes formais, ainda que contenha variações.

Mesmo nas chamadas normas formais, há diferentes modos de uso, evidenciando a pluralidade do português. Alvares et al. (2023) destacam que existem diversas “normas”



linguísticas, como a da casa, do trabalho, do círculo de amigos, reforçando a ideia de que cada uma dessas formas de expressão constitui uma variedade legítima da língua.

Dessa forma, tanto a norma-padrão quanto a norma culta integram um conjunto mais amplo de normas que refletem a diversidade do português falado no Brasil. Essa multiplicidade linguística comprova que não existe um único modo “certo” de falar, mas sim diferentes formas de uso mais ou menos adequadas a determinados contextos. No entanto, no ambiente escolar, a norma-padrão ainda é priorizada por seu valor instrumental na comunicação formal, no acesso ao mercado de trabalho e no desempenho em avaliações acadêmicas. Apesar de sua relevância, muitos estudantes enfrentam dificuldades para assimilá-la, sobretudo por acreditarem que suas formas naturais de expressão são “erradas”. Essas visões, como apontam Nascimento e Vasconcelos (2021), são agravadas pela maneira tradicional e prescritiva com que a gramática costuma ser apresentada em sala de aula, o que pode gerar bloqueios no processo de aprendizagem.

Diante desse cenário, é fundamental que o ensino da norma-padrão ocorra de forma crítica, contextualizada e respeitosa em relação à diversidade linguística dos estudantes. O objetivo deve ser promover uma abordagem pedagógica mais flexível, que reconheça e valorize os diferentes repertórios linguísticos presentes na sala de aula. Ao ampliar a compreensão sobre as variedades da língua portuguesa e integrá-las ao processo educativo, o professor contribui para a construção de estratégias didáticas mais eficazes, inclusivas e sensíveis às realidades socioculturais dos alunos, sem desvalorizar a riqueza linguística que compõe o cotidiano escolar.

5. NORMA PADRÃO E A IMPORTÂNCIA DE UMA ABORDAGEM INCLUSIVA.

O ensino da norma-padrão no ambiente escolar permanece como um tema sensível nas discussões sobre a didática da língua portuguesa. Saber comunicar-se, interagir e transmitir ideias de forma clara e compreensível é uma habilidade essencial; no entanto, esse processo não deve desvalorizar as diferentes formas de expressão dos falantes. A pesquisa sobre variação linguística evidencia tratar-se de um campo amplo, abordado sob múltiplas perspectivas por diversos autores. Apesar das diferentes abordagens, há um ponto de convergência: o ensino da norma-padrão é indispensável na formação dos estudantes, quando ocorrer de maneira crítica, reflexiva e ética, desnaturalizando a ideia de que existem formas “certas” e “erradas” de falar.

Ensinar a norma-padrão, portanto, é necessário, mas não deve ser feito de maneira impositiva ou excludente. Como apontam Faraco e Zilles (2016), essa variedade constitui um modelo linguístico prestigiado, essencial em contextos formais como concursos públicos, exames vestibulares e o mercado de trabalho. Negar aos alunos o acesso à norma-padrão seria restringir sua participação nas esferas sociais de maior prestígio, aprofundando desigualdades e limitando oportunidades.

Contudo, os autores criticam a abordagem tradicional, de caráter prescritivo e excludente, que ainda prevalece no ensino da norma-padrão, destacando a urgência de reconhecê-la como somente uma entre as várias formas legítimas da língua portuguesa. Para que o ensino de gramática seja eficaz, é necessário adotar estratégias que apresentem os



conteúdos de forma contextualizada, promovendo a reflexão sobre o uso real da linguagem.

Nesse sentido, Silva, Pessoa e Lima (2012) propõem a análise linguística como alternativa ao ensino puramente normativo. Os autores defendem que o trabalho gramatical deve estar integrado às práticas reais de linguagem, e não se limitar à memorização de regras ou à identificação mecânica de classes gramaticais. A proposta consiste em tratar a gramática como um instrumento de reflexão, a partir da análise de textos e situações comunicativas concretas, que favoreçam a compreensão crítica da língua em uso. A análise linguística, portanto, deve articular-se com os demais eixos do ensino de língua portuguesa, leitura, escrita e oralidade, funcionando como ferramenta para aprimorar as práticas de linguagem e não como um fim em si. Dessa forma, o aluno compreende que as normas gramaticais variam conforme o contexto e faz escolhas linguísticas mais conscientes, desenvolvendo tanto a proficiência quanto a criticidade em relação à língua.

6. A ARTICULAÇÃO ENTRE GRAMÁTICA, TEXTO E ANÁLISE LINGUÍSTICA NO ENSINO CONTEXTUALIZADO

Sob a perspectiva de Silva, Pessoa e Lima (2012), o ensino da gramática centrado exclusivamente na memorização de regras revela-se ineficaz para a formação de indivíduos críticos e proficientes no uso da língua. Por isso, os autores propõem estratégias que integrem o ensino gramatical, à leitura, à produção textual e à análise linguística, priorizando o uso real da língua em situações comunicativas significativas. Entre essas estratégias, destaca-se a articulação entre gramática e texto, com a defesa de que os conteúdos gramaticais devem emergir a partir da leitura, da análise e da produção de textos autênticos, pertencentes a diversos gêneros discursivos e em consonância com seus contextos de uso. Os autores alertam para o equívoco, ainda comum entre alguns profissionais, de dissociar o ensino gramatical da prática textual, resultando em um ensino mecânico e descontextualizado. Como afirmam:

Perceber gramática e textos como objetos de ensino dissociados, ou como polos quase que opostos e independentes, é uma indicação de que alguns profissionais continuam entendendo gramática como um conjunto de regras prescritivas, explicitadas em um manual, que não guarda nenhum ponto de interseção com os usos da língua (SILVA; PESSOA; LIMA, 2012, p. 29).

Outra abordagem eficaz, como mencionado anteriormente, é o uso da análise linguística como prática de reflexão. Nesse processo, os alunos são levados a investigar os efeitos de sentido provocados por escolhas linguísticas específicas. A aplicação de atividades que envolvam leitura, reescrita e comparação de textos permite que os estudantes identifiquem padrões gramaticais, experimentem diferentes construções e avaliem as consequências dessas alterações para o significado global do texto. Além disso, os autores ressaltam que o ensino de conteúdos como paragrafação, pontuação, classes de palavras e ortografia deve estar vinculado ao processo de produção e revisão textual, tornando o aprendizado mais funcional e significativo. A revisão de textos produzidos pelos próprios alunos, por exemplo, oferece oportunidades concretas para discutir o uso da vírgula, a concordância verbal, a ortografia e a organização dos parágrafos, evitando atividades



meramente mecânicas e descontextualizadas.

7. ABORDAGENS DE SILVA, PESSOA E LIMA (2012) PARA O ENSINO DA NORMA-PADRÃO

A partir dos estudos realizados, evidenciou-se a urgência em buscar estratégias eficazes para instruir os alunos sobre a importância da linguagem na comunicação. No entanto, percebeu-se também que as dificuldades enfrentadas pelos estudantes não se limitam ao aprendizado da norma-padrão. O verdadeiro desafio está em apresentar aulas e abordagens que sejam, ao mesmo tempo, eficientes e atrativas, de modo que os alunos desenvolvam interesse genuíno pelo uso da língua e adquiram habilidades que vão além do domínio de regras gramaticais. É fundamental que os estudantes reconheçam a relevância da leitura e a incorporem como hábito, pois a leitura é um caminho essencial para a formação crítica.

A língua portuguesa, nesse contexto, não deve ser vista como um conteúdo restrito à disciplina de Língua Portuguesa, mas como um saber transversal, que contribui diretamente com todas as áreas do conhecimento, como Matemática, História, Geografia, entre outras. Refletindo sobre as considerações dos autores, entende-se que o ensino da gramática deve ser funcional e reflexivo no processo de ensino-aprendizagem da língua portuguesa. Com base na abordagem de Silva, Pessoa e Lima (2012), destacam-se diversas estratégias que podem ser utilizadas em sala de aula. Entre elas, a que mais se sobressai é a chamada “problemática linguística”. Os autores propõem apresentar aos alunos desafios comunicativos, dúvidas ou ambiguidades linguísticas extraídas de textos reais, visando despertar a necessidade de compreensão. Essa estratégia parte do princípio de que o conteúdo gramatical deve emergir da análise do uso efetivo da linguagem. Por exemplo, pode-se iniciar uma aula com uma manchete ambígua de jornal (Justiça prende homem acusado de matar a esposa na cadeia) e, a partir dela, propor uma análise sintática para esclarecer o sentido.

Como indicam os autores: “o ponto de partida do ensino deve ser uma necessidade de compreensão do texto, e não a antecipação de uma regra gramatical” (SILVA; PESSOA; LIMA, 2012, p. 34). Outra perspectiva importante é a leitura comparativa entre textos com diferentes graus de formalidade, como uma conversa por aplicativo e um editorial de jornal. Essa comparação favorece o desenvolvimento da noção de adequação linguística, permitindo que o aluno identifique traços linguísticos característicos da norma-padrão, bem como de outras variedades legítimas da língua. Segundo os autores, “a gramática deve ser entendida como sistema funcional, usado conforme as exigências do contexto” (SILVA; PESSOA; LIMA, 2012, p. 36). Além dessas propostas, os autores indicam o uso da reescrita orientada, em que o aluno transforma um texto de um gênero ou registro para outro, refletindo sobre os ajustes linguísticos necessários. Um exemplo seria reescrever uma notícia formal como se fosse um post de rede social.

Com essa atividade, o aluno passa a observar aspectos como pronomes, tempos verbais, organização textual e marcas de oralidade. Para os autores, “essa prática ajuda o aluno a compreender que os recursos linguísticos não são fixos, mas flexíveis e relacionados ao



propósito do texto” (SILVA; PESSOA; LIMA, 2012, p. 37). Outra estratégia fundamental é a exploração de gêneros discursivos diversos, analisando sua estrutura, função e linguagem característica. Trabalhar com gêneros como bilhetes, e-mails, crônicas, anúncios publicitários e cartas argumentativas permite que os conteúdos gramaticais sejam explorados de forma natural e contextualizada. Por exemplo, o estudo da coesão referencial pode ser feito com base na análise do uso de pronomes em cartas ou e-mails, enquanto a pontuação pode ser abordada com textos narrativos. Os autores reforçam que “o ensino da gramática deve ocorrer a partir das demandas dos textos que circulam socialmente” (SILVA; PESSOA; LIMA, 2012, p. 38).

A revisão e reescrita de textos produzidos pelos próprios alunos também é uma prática relevante, pois favorece a reflexão sobre aspectos linguísticos em situações reais de uso. Essa atividade, porém, deve ocorrer de forma colaborativa e orientada, com foco na clareza, na organização e na intencionalidade do texto, e não apenas na correção normativa. Como afirmam os autores, a reescrita “é um espaço privilegiado para discutir os efeitos de sentido das escolhas linguísticas e para aproximar o ensino da gramática das práticas reais de linguagem” (SILVA; PESSOA; LIMA, 2012, p. 39).

Dessa forma, com base nas contribuições de Silva, Pessoa e Lima (2012), pode-se afirmar que tais estratégias reforçam a centralidade da linguagem como prática social, e não como um sistema fechado e abstrato. O ensino gramatical, quando articulado aos eixos da leitura, da escrita e da oralidade, favorece uma aprendizagem mais eficaz da norma-padrão, sem desvalorizar as variedades linguísticas que compõem o repertório dos alunos.

Acredita-se que as contribuições dos autores mencionados proporcionam um ensino mais próximo da realidade linguística dos estudantes, capaz de desenvolver competências linguísticas de forma crítica, reflexiva e ética. Ao adotar essas estratégias, o professor transforma o ensino da língua portuguesa em um processo mais significativo, inclusivo e eficaz, contribuindo para uma formação linguística que respeita a diversidade de fala dos alunos e promove o domínio consciente da norma-padrão como instrumento de acesso à cidadania e à mobilidade social.

8. METODOLOGIA

Para investigar a relação entre variação linguística e o ensino da norma-padrão, realizamos uma pesquisa qualitativa em Campo Grande–MS, utilizando questionários no Google Forms. Foram elaborados dois formulários distintos: um para alunos e outro para professores, contendo perguntas abertas e fechadas para identificar percepções, desafios e potencialidades na abordagem da norma-padrão e das variedades linguísticas.

O questionário dos alunos buscou compreender suas experiências e opiniões sobre o uso da norma-padrão em comparação com suas variedades linguísticas cotidianas. Já o dos professores concentrou-se em suas práticas pedagógicas e dificuldades no ensino dessas questões. Além da coleta de dados, realizamos uma revisão de literatura baseada em Araújo (2008), Vieira (2018), Alvares et al. (2023), Faraco e Zilles (2016), Silva, Pessoa e Lima (2012) e Nascimento e Vasconcelos (2021). Nosso objetivo foi interpretar as percepções de alunos e professores e promover uma discussão crítica sobre os impactos



dessas visões no ensino da língua portuguesa. Também buscamos propor estratégias que valorizem a diversidade linguística sem excluir a norma-padrão, essencial para a comunicação e realização profissional. Os questionários foram divulgados para estudantes do 6º ao 9º ano e do ensino médio, e professores de Língua Portuguesa, mas a participação foi limitada devido ao curto período de divulgação. A seguir, apresentam-se as perguntas direcionadas aos alunos:

1. Você conhece o conceito de variedade linguística? 2. Em quais situações do seu dia a dia você percebe que usa uma linguagem diferente da norma-padrão? 3. Em sua opinião, o ensino da norma-padrão na escola é importante? 4. Você sente dificuldade em entender ou usar a norma-padrão na escola? Se sim, pode explicar por quê? 5. Você já se sentiu constrangido (a) por falar de maneira diferente da norma-padrão em ambiente escolar? 6. Você acha que a escola valoriza como você e sua comunidade falam? Por quê? 7. Se você pudesse mudar algo no ensino da língua portuguesa, o que seria?

A seguir, apresentam-se as perguntas direcionadas aos professores: 1. Quais são as principais dificuldades que você enfrenta ao ensinar a norma-padrão? 2. Com que frequência você discute o conceito de preconceito linguístico em sala de aula? 3. Como você avalia sua formação acadêmica no que se refere ao ensino das variedades linguísticas e da norma-padrão? 4. Na sua prática docente, como você aborda a questão das variedades linguísticas em sala de aula? 5. Você sente dificuldade em ensinar a norma-padrão sem desvalorizar as variedades linguísticas? Por quê? 6. Quais estratégias ou metodologias você utiliza para trabalhar com os alunos as diferenças entre norma-padrão e variedades linguísticas? 7. Os alunos demonstram resistência ou dificuldades ao aprender a norma-padrão? Se sim, quais são as principais? 8. Em sua opinião, qual a importância de ensinar a norma-padrão considerando as diferentes realidades linguísticas dos alunos? 9. Você acredita que o material didático atual trata adequadamente as variedades linguísticas? 10. Se pudessem sugerir mudanças na abordagem da língua portuguesa no currículo escolar, o que modificariam?

Nos próximos tópicos, uma análise sobre os resultados obtidos por meio dos formulários.

9. CONSIDERAÇÕES: OBTIDAS COM BASE NOS FORMULÁRIOS PARA OS ALUNOS.

Participaram da pesquisa quatorze alunos, sendo quatro do 1º ano, um do 7º ano, três do 9º ano, dois do 2º ano e três do 3º ano do ensino médio. Dois estudantes não responderam. A participação, ainda que reduzida, permitiu identificar percepções importantes sobre o ensino da norma-padrão e o reconhecimento das variações linguísticas. A seguir, apresentam-se as análises das respostas obtidas.

- Conhecimento sobre variedades linguísticas.

Nove alunos declararam conhecer o conceito de variedades linguísticas, enquanto quatro afirmaram já ter ouvido falar sobre o tema, mas sem uma compreensão aprofundada. A minoria (dois alunos) relatou desconhecer-lo. Esses dados indicam um nível razoável de



familiaridade com o conceito, contudo apontam para a necessidade de um maior aprofundamento no ensino desse aspecto.

- Situações de uso de linguagem diferente da norma-padrão.

Os oito alunos mencionaram que utilizam a linguagem informal ao conversar com amigos e familiares, indicando que a interação cotidiana constitui o principal contexto de variação linguística. Outros relataram situações formais, como reuniões de emprego ou aulas, evidenciando, possivelmente, uma dificuldade de interpretação da pergunta ou uma alternância no uso da norma-padrão conforme o contexto.

- Importância do ensino da norma-padrão.

A maioria dos estudantes (treze) julgou o ensino da norma-padrão relevante, mas ressaltou a importância de considerar as diversas variedades linguísticas. Somente um aluno afirmou não ver importância na norma-padrão, reforçando a necessidade de adaptação do ensino para contemplar aspectos da diversidade linguística.

- Dificuldades no uso da norma-padrão.

Sete alunos afirmaram não enfrentar dificuldades no uso da norma-padrão, enquanto os demais relataram desafios relacionados às regras gramaticais, à acentuação, ao vocabulário e à insegurança ao conversar com pessoas consideradas mais letradas. A diversidade das respostas destaca a necessidade de estratégias pedagógicas que tornem o ensino da norma-padrão mais acessível e menos excludente.

- Constrangimento pelo uso da linguagem diferente da norma-padrão.

Embora a maioria (oito alunos) tenha afirmado nunca ter se sentido constrangida por falar de maneira diferente da norma-padrão, seis relataram ter passado por essa situação algumas vezes ou frequentemente. Esses dados reforçam a necessidade de promover um ambiente escolar mais inclusivo e receptivo às diferentes formas de expressão linguística.

- Valorização da linguagem informal na escola.

As respostas revelaram percepções divididas: enquanto alguns alunos acreditam que a escola valoriza como falam, outros afirmam que a linguagem da comunidade é tratada como errada ou pouco considerada. Essa percepção demonstra a necessidade de melhorias na abordagem pedagógica, promovendo uma valorização mais explícita das variedades linguísticas no ensino.

- Sugestões para melhorias no ensino da Língua Portuguesa.

As principais sugestões dos alunos incluíram a redução do foco excessivo na gramática, a valorização da literatura e o reconhecimento de diferentes formas de linguagem. A recorrente crítica à quantidade de regras gramaticais evidencia o desejo por um ensino mais dinâmico e próximo da realidade dos estudantes.

Em suma, os dados coletados junto aos alunos evidenciam a importância de um ensino



da Língua Portuguesa que valorize tanto a norma-padrão quanto as variedades linguísticas. A convivência entre esses elementos, quando bem articulada em sala de aula, pode promover um ambiente mais inclusivo e eficaz, favorecendo o desenvolvimento da competência comunicativa dos estudantes. O reconhecimento da diversidade linguística é, portanto, um caminho essencial para a construção de práticas pedagógicas mais justas e representativas.

10. CONSIDERAÇÕES: OBTIDAS COM BASE NOS FORMULÁRIOS PARA PROFESSORES.

Participaram da pesquisa cinco professores, todos os quais lecionam para o ensino fundamental e ensino médio em escolas públicas distintas. A seguir, apresenta-se a análise das respostas obtidas

- Dificuldades no Ensino da Norma-Padrão; os docentes indicaram desafios que se originaram, em parte, de problemas estruturais nos materiais didáticos e de discrepâncias entre as expectativas curriculares e a realidade dos alunos. Observamos, ainda, dificuldades decorrentes da insuficiente leitura dos estudantes, bem como na tendência de utilização do “internetês” e nas deficiências da abordagem temática e da formulação dos conteúdos nos livros didáticos. Ademais, uma professora expressou seu desapontamento em relação ao SGDE-Sistema de Planejamento de Aulas, uma vez que as aulas por ele propostas sugeriam o desenvolvimento de habilidades mais avançadas, apesar das dificuldades ainda apresentadas pelos alunos.
- Discussão sobre preconceito linguístico em sala e formação acadêmica dos professores; no que se refere ao debate sobre o preconceito linguístico em sala, os professores afirmaram abordar o conceito com frequências variadas: três deles o tratavam ocasionalmente e dois o faziam com frequência, revelando uma heterogeneidade nas estratégias de conscientização sobre esse tema. Quanto à formação acadêmica, três professores avaliaram-na como boa, um regular e o outro excelente. Essa variação pode indicar a necessidade de uma preparação mais integrada e atualizada dos docentes para lidar com as questões referentes às variedades linguísticas e à norma-padrão.
- Práticas Pedagógicas e Estratégias Utilizadas para a abordagem das variedades linguísticas; os professores utilizaram diversas abordagens para integrar as variedades linguísticas em suas práticas docentes. Entre as práticas e estratégias relatadas, destacaram-se:
 - O uso de gírias e gêneros textuais para conectar o conteúdo curricular à realidade dos alunos, promovendo a análise crítica e o respeito;
 - A utilização de recursos multimídia, tais como vídeos, textos literários, letras de músicas e situações do cotidiano, para ilustrar as diferenças entre a linguagem formal e informal.
 - A aplicação de elementos visuais, como tirinhas, e a apresentação de exemplos contextualizados facilitariam a compreensão e evidenciariam a relevância tanto da norma-padrão quanto das variedades linguísticas. Essas estratégias apresentaram o



envolvimento dos docentes em tornar o ensino da língua portuguesa mais dinâmica e alinhada à diversidade de práticas comunicativas presentes na realidade dos alunos.

- Avaliação dos Materiais Didáticos e Sugestões para o Currículo; quanto aos materiais didáticos, houve uma visão crítica e diferenciada: enquanto o primeiro professor considerava o material adequado, os demais avaliaram-no como parcialmente satisfatório para abordar as variedades linguísticas.

Em síntese, os professores sugeriram mudanças que incluíam a atualização e a adoção de recursos pedagógicos mais dinâmicos, a retomada sistemática dos conteúdos gramaticais e o fortalecimento das atividades que privilegiam a interpretação crítica e contextualizada dos textos. Embora o número de docentes entrevistados tenha sido limitado, foi possível alcançar os seguintes objetivos:

- Pesquisar as percepções de docentes e alunos sobre o uso das variedades linguísticas e da norma-padrão em sala de aula;

- Examinar as práticas de ensino contemporâneas relacionadas à norma-padrão e à abordagem das variedades linguísticas;

- Desenvolver e propor estratégias didáticas que valorizem as variedades linguísticas enquanto ensinam a norma-padrão.

Nesse sentido, os resultados evidenciaram que, apesar das limitações apontadas, os professores recorreram a estratégias diversificadas e reflexivas para ensinar a norma-padrão, sem desvalorizar as diversas manifestações da língua. Concluiu-se que os docentes reconheceram a importância de um ensino que promovesse, simultaneamente, a excelência comunicativa e a valorização da pluralidade linguística presente na realidade dos alunos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve como objetivo compreender a importância da linguagem na convivência em sociedade e analisar a relação entre variação linguística e o ensino da norma-padrão no ambiente escolar. A partir dos questionários aplicados a alunos e professores, constatou-se que a maioria dos estudantes apresenta dificuldades no uso e na compreensão da norma-padrão, por acreditarem haver somente uma forma correta de falar. Esse dado evidenciou a necessidade de práticas pedagógicas mais inclusivas, que valorizem a diversidade linguística dos alunos. Embora os estudantes reconheçam a importância da norma-padrão para a comunicação formal, sugerem que seu ensino seja menos centrado na memorização de regras e mais conectado à realidade linguística cotidiana.

A pesquisa com os professores revelou que os docentes enfrentam desafios para ensinar a norma-padrão, principalmente devido à discrepância entre os materiais didáticos e a realidade linguística dos alunos. Além disso, observamos que a abordagem sobre preconceito linguístico em sala de aula ainda ocorre de maneira insuficiente, indicando a



necessidade de um trabalho mais sistemático para promover a conscientização dos estudantes. Com base nas propostas de Silva, Pessoa e Lima (2012), constatamos que estratégias como o uso de textos autênticos, análise de gírias e exemplos reais do cotidiano podem tornar o ensino da norma-padrão mais acessível. Além disso, a análise linguística surge como alternativa ao ensino normativo, permitindo que os conteúdos gramaticais sejam integrados ao uso real da língua, articulando leitura e produção de textos.

A aplicação de atividades comparativas entre textos de diferentes registros possibilita que os alunos percebam como a linguagem se adapta aos variados contextos comunicativos. Por meio da leitura de uma notícia formal, uma conversa informal de WhatsApp e uma música popular, os estudantes podem identificar diferenças estruturais e lexicais, compreendendo que cada forma de comunicação tem uma função específica. Dessa forma, em vez de tratarmos a norma-padrão como um modelo absoluto, a pesquisa reforça a importância de uma abordagem baseada na análise linguística, na qual os estudantes investigam os usos da língua e refletem sobre suas variações e adequações contextuais.

Assim, este estudo contribui para o ensino da língua portuguesa e das variedades linguísticas, pois ambas são fundamentais para a construção de uma educação mais democrática e inclusiva. Ao integrar a análise reflexiva como alternativa ao ensino tradicional, abre-se espaço para metodologias mais eficazes e contextualizadas, que respeitam as identidades culturais e sociais dos alunos. Ademais, esta pesquisa pode subsidiar futuras reflexões sobre o ensino de língua portuguesa, estimulando educadores e pesquisadores a repensar abordagens normativas e a reconhecer a variação linguística como parte essencial do aprendizado.

REFERÊNCIAS

ALVARES, Aline; ESPOZETTI, L.A; OLIVEIRA, E. DE. M; ALTINO, F. C. **Variação Linguística na Escola**. Minha biblioteca, editora contexto, 2023. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9786555412314/pageid/39>
Acesso em: 27 Ago. 2024

ARAÚJO, Daniela. **A linguística ontem e hoje**. Inter letras Unigran, Dourados, v.1, Ed. 6 e 7, jan./jul. 2008.

BAGNO, Marcos, **Nada na língua é por acaso: por uma pedagogia da variação linguística**. São Paulo: Parábola Editorial, 2007.

BRASIL. Ministério da Educação. Base Nacional Comum Curricular. Brasília, DF: MEC, 2017. Disponível em: <https://basenacionalcomum.mec.gov.br/>. Acesso em: 21 maio 2025

FARACO, Carlos. A; ZILLES, Ana Maria. **Para conhecer norma linguística**. Minha biblioteca, editora contexto, 2016. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788552000303/pageid/0>. Acesso em: 28 ago. 2024



LABOV, Willian. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Marta Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

SILVA, Alexsandro; PESSOA, Ana C.; LIMA, Ana. **Ensino de gramática - Reflexões sobre a língua portuguesa na escola**. São Paulo: Autêntica Editora, 2012. Disponível em: <https://integrada.minhabiblioteca.com.br/reader/books/9788582172414/>. Acesso em: 24 mar. 2025.

*Geisane da Conceição Pereira da Silva, acadêmica do 7º semestre do Curso de Letras — Língua Portuguesa do Centro Universitário da Grande Dourados- UNIGRAN. E-mail: geisanes@gmail.com

** Professora Doutora Nara Maria Fiel de Quevedo Sgarbi da UNIGRAN, Doutora em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP), Pós-Doutora pela UEMS/MS, orientadora desse trabalho. E-mail: sgarbi@unigran.br.

***Docente da UNIGRAN, Doutora em Letras (Unioeste - PR), Pós-Doutora pela UFGD/MS. Email: alexandraapl@hotmail.com